

O quintal

Verão

Nos fundos da casa nova havia uma pequena área de quintal, de chão revestido de lajota e ladeada por altos muros. Os muros, além de muito altos, eram bem lisos e pintados com alguma tinta de tonalidade clara, mas de cor imprecisa, parecendo variar sua superfície de momento a momento. Não se via nem mesmo um pequeno broto de mato que fosse, a se infiltrar, tímido, por uma brecha no cimento, porventura existente.

Estranhamo-nos a princípio, eu e aquele quintal cuja ausência de tudo se impunha como uma vontade soberana. Às vezes, entrando pela porta da cozinha (seu único acesso), sentava-me em seu chão nu e impessoal e principiava um jogo que consistia em ir subindo os olhos pelos muros, lentamente, até que, já com a cabeça totalmente reclinada para trás, avistava um retângulo de céu. Nestas ocasiões, nunca chegamos a esboçar qualquer gesto de cortesia ou familiaridade. Uma que outra vez eu lhe esfregava – com certa violência, devo admitir-- o piso, e desentupia o ralo com um pouco de ácido, para que a água da chuva não transbordasse para dentro da casa. Mas isso nunca chegou a servir de pretexto para uma aproximação mais íntima. Era apenas uma necessidade mútua, quase fisiológica, que satisfazíamos com superior dignidade.

Minhas visitas não chegavam, propriamente, a lhe anular o sólido vazio; antes, reforçava-o com o meu covarde testemunho. Assim passamos uma estação.

Outono

A primeira perturbação aconteceu com a chegada daquele pequeno pé de morango. Plantado na pouca terra de um saquinho de plástico, suas raízes sustentavam quatro hastes finas e curtas, terminando cada uma numa delicada folhinha dupla e arredondada.

Na manhã do insólito acontecimento, não estivesse eu tão chocado, teria achado graça na reação patética do quintal, cheio de pavor, como naqueles desenhos animados antigos, onde aparece o elefante acuado por um ratinho. Ao dar pela minha presença, sentindo-se flagrado em tão lamentável estado de alteração, o quintal se fechou friamente em seus muros e transformou seu espanto num ódio mudo e vingativo contra o mirrado pé de morango, que só fazia jazer ali no chão.

Agora, minhas idas e vindas ao quintal eram diárias. Aguava a plantinha, mas preservando um ar indiferente, sem me atrever a deixar transparecer o encanto que começava a sentir por aquele pequeno ser.

Continuei, periodicamente, a lavar o chão e a desentupir o ralo, mesmo percebendo que já não chovia tanto.

Os encontros vespertinos, até então os mais longos, foram sendo substituídos, aos poucos, por visitas noturnas. O jogo de correr as vistas pelos muros e ir, lentamente, reclinando a cabeça até encontrar o retângulo de céu, também começou a sofrer sutis alterações: no escuro da noite, as pequenas rachaduras do concreto se tornavam menos visíveis, ocultas nas sombras. A indefinição dos seus traços parecia aumentar a excitação, e o clímax, outrora azul e luz, explodia num desconcertante fundo negro.

A delicada plantinha lançava um frágil broto, deixando um ramo adulto amarelar e morrer, consumindo-se assim, numa renovação débil, sem nunca crescer.

Inverno

Naquela tarde de inverno eu esfregava o chão com movimentos bruscos e interrompidos, enquanto ele se prostrava numa atitude calculadamente superior, indiferente à violência mal contida que extravasava em minhas feições carregadas. Aceitávamos aquela representação como algo inevitável e necessário; que o chão contido entre suas paredes acabaria limpo, e a sujeira, misturada com o líquido corrosivo, escorreria pela garganta do ralo, e então poderíamos, novamente, permanecer estáveis no seu vácuo petrificado: a nossa relação.

Um gemido! Virei-me lívido, tentando localizar a fonte daquele fato impossível: aquele débil serzinho verde gemia e seu gemido flutuava em nosso nada, desafiando-o, criando um espaço e ocupando-o, uma presença em nosso vazio, como uma insuportável zombaria. Senti meus braços fraquejarem e minhas mãos largarem alguma coisa. Corri desesperado para a porta da cozinha e me tranquei dentro da casa.

No sonho que sempre se repetia, o pé de morango crescia e transbordava em frutos enormes que rolavam ao chão e se cortavam no vidro, sangrando, o vermelho e o ácido, misturados, fumegando, subindo os muros, tingidos de vermelho, rachando e vertendo sangue.

Semanas depois, quando reapareci, era um espectro, pálido e magro, com os olhos afundados em olheiras de sono nervoso. Minhas mãos pendiam trêmulas, indecisas em buscar uma aragem morna que terminasse aquele torturante inverno.

Primavera

Olhei em volta e imaginei que devia ter chovido muito naquelas semanas. A tinta descascada, com fissuras formando tristes desenhos cobertos de musgo. As lajotas escorregadias, escurecidas pelo limo. Notei nuvens cinzentas, ao erguer subitamente as vistas para o céu, mas não pareciam compactas e pesadas, como a ameaçar um novo temporal; timidamente se esparsando, parecendo querer abandonar o campo já castigado pela chuva.

Tornei a mirar o chão e então me aproximei alguns passos, para verificar que o ralo estava parcialmente entupido. A pouco mais de dois palmos de distância, cacos de vidro sobre uma mancha clara; provavelmente deixara o vidro de ácido se espatifar no dia em que corri para me trancar dentro da casa. Novamente olhei em redor, até descobrir num canto o escovão, ou o que restara dele. O cabo vergara a ponto de rachar, soltando-se da base cuja madeira apodrecia na umidade, soltando boa parte das cerdas. Abaixei-me e o toquei com as pontas dos dedos. Não senti nada, nem mesmo saudades. Permaneci agachado e mudo por longos minutos, talvez não mais que curtos instantes. Me mantive agachado e com o olhar distante naqueles longínquos meses passados.

Como que despertando de um estado de torpor.

Uma sensação foi crescendo e se tornando cada vez mais viva dentro de mim, como algo que tentamos lembrar. Não lembramos o que é de imediato, mas sabemos que é importante e a imagem vai emergindo da memória congelada, ganhando nitidez, tomando forma, cor, calor: o pé de morangos!

Corri por todos os lados, sem encontrar nada, desesperado. Nem mesmo algum entulho que pudesse, supostamente, ocultar a plantinha. Não havia mais nada naquele quintal; o pé de morangos tinha desaparecido. Com desespero nos olhos, fui recuando lentamente, toquei as costas numa parede, e então fui largando o corpo, até ficar sentado, vi nuvens cinzas, muros cinzas, musgo cinza, senti uma vertigem e, finalmente, deixei pender a cabeça, olhando para o próprio ventre, sentindo um grande vazio crescer dentro de mim.

Alguma coisa me incomodava. Eu queria ficar ali, abandonado, sem pensar, mas alguma coisa me incomodava. Sem saber bem por que, quase mecanicamente, voltei a

atenção para minha mão, largada sobre o chão musgoso. Uma nesga de luz revelava e aquecia aquela pele branca. Levei alguns segundos para atinar com o que estava acontecendo. Ainda incrédulo, olhei para o céu e as nuvens se afastavam, dando passagem para o sol. A luz, cada vez mais intensa, me ofuscava. Ergui-me com algum esforço e estiquei os músculos, espantando o frio e bebendo o calor do sol.

Tomado de intenso amor por tudo, aproximei-me dos muros e afaguei-os pela primeira vez. Estavam sujos e com rachaduras. Inclinei meu rosto para cima e o quintal afastou suas paredes para exhibir o céu totalmente azul. Respiramos fundo.

Querendo sair pela fresta de uma estreita rachadura, descobri um pontinho verde. Era uma pequena plantinha, mal rompendo a casca da semente. Talvez fosse um pé de morangos. Talvez houvesse morangos nesta primavera, afinal.